

“A ética da singularidade”

A psicanálise não é uma ética, mas tem uma ética. Qual? Certamente, até hoje nenhuma resposta, dentre as propostas, inclusive por Freud ou por Lacan, conseguiu chegar a um consenso.

Foi antes de tudo fora de seu campo que a psicanálise situou a ética: seu fundador, Freud, dizia-se "indiferente à questão ética" - termo que ele parece ter confundido muitas vezes com moral. Isso não se opõe à possível formulação de uma ética freudiana, que não deve ser confundida com a ética da psicanálise, ou seja, o “desejo de Freud” com o “desejo do analista”.

Foi preciso aguardar o evento Lacan para que a ética fosse colocada no coração da psicanálise. Ele examinará primeiro as condições éticas da psicanálise - que não são menos importantes que suas condições epistêmicas - antes de questionar e tematizar o que chamou, não a ética do sujeito nem mesmo a ética do psicanalista, mas a ética da psicanálise. Esta formulação que forma a tese, e que dá título ao Seminário de Lacan de 1959-1960, constitui em si um verdadeiro campo de forças.

O passo de Lacan consistiu, por um lado, em trazer à tona a originalidade da posição freudiana em matéria de ética e, por outro, em afirmar e sustentar que há de fato uma ética da psicanálise – ética que se deduz de sua prática e que não se confunde nem com o etos do analista nem com a posição ética do analisando – ética cujos princípios podem ser isolados das ressalvas e críticas formuladas por Freud contra a educação, mas também contra a religião e a medicina.

Para dizer a verdade, esse passo mais-além de Freud não é tão unilateral como se disse aqui ou acolá. Na realidade, há um movimento complexo e até tortuoso da posição de Lacan, que abarca os momentos cruciais de seu ensino.

Se Jacques Lacan começa falando da ética da psicanálise em 1959-1960, é para sublinhar, por um lado, "a importância da dimensão ética em nossa experiência e no ensino de Freud" (Seminário A Ética da Psicanálise, p. 11) e, por outro lado, confirmar que a psicanálise contribui decisivamente para a reflexão ética como tal. Talvez seja por isso que essa ética permanece, nesta fase, uma ética do juízo, e pretende ser válida para qualquer sujeito

falante. Essa universalidade quase kantiana contraria e se opõe à consideração de qualquer singularidade.

Com o texto "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache" (1960), ocorre um primeiro deslocamento, na medida em que a questão para a qual Lacan conduz é a seguinte: como "o caminho da fala da experiência analítica" conduz à essa ética "convertida ao silêncio" pelo "advento do desejo"?

É em "Televisão" (1973), ou seja, no rescaldo de sua teoria dos discursos (O avesso da psicanálise e "Radiofonia" (1970)) que Lacan estabelecerá de forma firme e definitiva sua tese sobre a relatividade da ética nos discursos. Assim, a ética do discurso do mestre não é a ética do discurso da histórica, assim como a ética do discurso da histórica não é a do discurso do analista, a única na qual Lacan se detém, em realidade.

É a esta última que ele propõe chamar de "ética do bem dizer". Nem a ética do Bem, e menos ainda a do "bem soberano" - Lacan já a contestou no Seminário sobre a Ética da psicanálise de 1959-1960 -, nem a ética do dizer, mas sim a "ética do bem-dizer", ou uma ética da interpretação, se acreditarmos nas últimas linhas de "Televisão".

Ora, a interpretação evoca e convoca o desejo (Cf. Desejo e sua interpretação), a transferência (nenhuma interpretação admissível fora da transferência e antes da instalação desta), o corte (que subverte e modifica a superfície ou o nó do falante) e o ato.

Em suma, se há uma ética da psicanálise, é a mesma que Freud declina ao enfatizar a transferência - seu manuseio e sua manobra - e Lacan na interpretação. A ética do desejo e a ética do Bem-dizer, que de bom grado retemos como o alfa e o ômega do desbravamento de Lacan sobre esse motivo, permanecem apesar de tudo na estrutura e no universal.

Isso tem seu preço, mas deixa nas sombras o que, numa psicanálise e na psicanálise, desliza entre o particular e o universal, passa pela historização, portanto, por vias originais, traços distintivos às vezes acentuados pelo excesso, enfim, pela singularidade.

Além disso, na atualidade, um dos perigos que a psicanálise enfrenta consiste nos vários movimentos que, querendo dobrar esta última aos particularismos de seus gozos comunais, correm o risco não só de minar seus fundamentos universalistas – os do sujeito falante, entre linguagem e

discurso - mas opor-se ao que constitui o próprio princípio de qualquer prática ou abordagem clínica: um por um.

É nesse ponto que a questão do que pode ser chamado, não a singularidade - sem dúvida por suas muitas conotações na língua francesa -, mas simplesmente o singular, cuja preocupação nunca deve deixar o analista do início ao final da experiência analítica.

Com efeito, o que nunca deve ser esquecido é que se cada analisando é um sujeito - efeito do significante que o divide e que o representa para outro significante - é porque para além das categorias diagnósticas - neurótico, psicótico, perverso - ou outras categorias sob que por vezes o situamos – heterossexual, gay, lésbica ou trans – cada um é sujeito à sua maneira, singular, encarna-o segundo seu próprio estilo, portanto original ou mesmo excepcional.

Resta saber, agora, o que deve ser entendido por singularidade, e se, sim ou não, ela pode ser articulada, encontrada ou constituir o objetivo de uma ética como a do discurso psicanalítico.

COMISSÃO CIENTÍFICA III CONVENÇÃO EUROPEIA IF-EPFCL MADRI 2023